

Portugal no ranking de competitividade do Global Competitiveness Index (GCI) 2009-2010

Merícia Gouveia*

O *World Economic Forum* (WEF) divulga anualmente no *Global Competitiveness Report* uma análise da competitividade das nações que tem por base o *Global Competitiveness Index* (GCI). O objectivo do relatório é medir o potencial produtivo e competitivo das nações, representando as economias cobertas pelo GCI 2009-2010 mais de 98% do PIB mundial.

Este texto analisa de modo sintético a posição relativa de Portugal nos 133 países que constituem o GCI 2009-2010, dando ênfase à comparação com os países pertencentes à UE e à OCDE. Procede-se também a um exame dos indicadores da componente de inovação e sofisticação empresarial que se assume no cálculo do GCI como um factor crítico uma vez que Portugal integra o grupo de países caracterizado como “impulsionado pela inovação”. Em complemento, apresenta-se em anexo uma síntese da metodologia utilizada na construção do GCI.

1. Posicionamento de Portugal no ranking do GCI 2009-2010

No *ranking* do GCI 2009-2010, Portugal mantém a 43ª posição alcançada no ano anterior e continua à frente da Itália (48º lugar), da Grécia (71º lugar) e de oito dos doze países que recentemente se tornaram membros da UE. O top 10 das economias mais competitivas é liderado pela Suíça, que destronou os EUA para segundo lugar. Os países nórdicos mantêm posições privilegiadas, com a Suécia na 4ª posição (1ª na UE27) e a Dinamarca e a Finlândia a ocuparem, respectivamente, o 5º e 6º lugares. Das dez primeiras posições, cinco pertencem a países da UE27: os três já referidos e a Alemanha e a Holanda, respectivamente na 7ª e na 10ª posições (Quadro 1).

Os primeiros lugares nos três sub-índices do GCI 2009-2010 são ocupados pela Finlândia em “Requisitos de Base” e pelos EUA em “Promotores de Eficiência” e “Factores de Inovação”. Para Portugal, as posições relativas dos sub-índices, face ao *ranking* anterior, alteraram-se entre si, passando a melhor performance competitiva a pertencer a “Requisitos de Base” (39ª posição), seguida de “Factores de Inovação” (41ª) e de “Promotores de Eficiência” (43ª).

Desagregando ao nível dos pilares, e face ao *ranking* anterior, Portugal apresenta, em 2009, comportamentos competitivos diversos (ver Quadros 2 e 1A em Anexo):

- Do conjunto dos doze pilares, a posição competitiva mais alta e mais baixa continua a pertencer, respectivamente, à “Infra-estrutura” (23ª) e à “Eficiência do Mercado de Trabalho” (103ª). Na “Infra-estrutura” (23ª), Portugal está colocado à frente dos doze países dos alargamentos recentes da UE e de países como a Noruega (28ª), a Irlanda (52ª) e a Itália (59ª). As segundas melhores posições competitivas de Portugal (31ª) são partilhadas entre os pilares “Prontidão Tecnológica” e “Saúde e Ensino Básico”. “Eficiência do Mercado de Trabalho” e “Sofisticação do Mercado Financeiro” (63ª) foram os pilares que registaram as duas maiores descidas face ao *ranking* anterior. Como sucede em Portugal, é no pilar “Eficiência do Mercado de Trabalho” que países como a França, a Alemanha e a Espanha têm os seus desempenhos competitivos com classificação mais baixos e em que a oscilação de posições extremas entre países é maior. Igualmente no pilar “Estabilidade Macroeconómica” (79ª posição), Portugal tem um desempenho relativo inferior ao *ranking* global (apesar de subir 3 posições) a par de uma série de países da UE27 (casos da Espanha, Reino Unido e Irlanda) e também dos EUA e Japão.

* Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia e da Inovação (Direcção de Serviços de Análise Económica e Previsão). As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade da autora.

- Em termos dos dois pilares de inovação, os desempenhos competitivos de Portugal variam entre a 33ª posição do pilar “Inovação” e a 53ª do pilar “Sofisticação Empresarial”, que desceu 5 posições. Na “Inovação” Portugal está em melhor posição do que Espanha, Itália, Grécia e dez países dos alargamentos da UE pós 2004. Os EUA é líder absoluto neste pilar e a Finlândia é o primeiro país da UE27 (3º no ranking dos 133 países). Já no pilar “Sofisticação Empresarial”, o resultado para Portugal apresenta uma classificação abaixo do seu ranking global.

Quadro 1 – Rankings do GCI 2009-2010 e das suas Componentes para 38 países

(nº de ordem em 133 países)

País	Estádio Desenv.	2009-2010		Rank GCI 2008-2009 (*)	Sub-índices do GCI 2009-2010		
		Rank GCI	GCI		Requisitos de Base	Promotores de Eficiência	Fatores de Inovação e Sofisticação
Suíça	3	1	5,6	2	3	3	3
EUA	3	2	5,6	1	28	1	1
Suécia	3	4	5,5	4	5	7	4
Dinamarca	3	5	5,5	3	4	6	7
Finlândia	3	6	5,4	6	1	12	6
Alemanha	3	7	5,4	7	8	14	5
Japão	3	8	5,4	9	27	11	2
Canadá	3	9	5,3	10	10	4	12
Holanda	3	10	5,3	8	12	10	9
Reino Unido	3	13	5,2	12	26	8	14
Noruega	3	14	5,2	15	11	13	18
Austrália	3	15	5,2	18	14	9	21
França	3	16	5,1	16	15	16	15
Áustria	3	17	5,1	14	13	19	11
Bélgica	3	18	5,1	19	20	18	13
Coreia do Sul	3	19	5,0	13	23	20	16
Nova Zelândia	3	20	5,0	24	16	15	27
Luxemburgo	3	21	5,0	25	7	23	22
Irlanda	3	25	4,8	22	37	22	20
Islândia	3	26	4,8	20	24	30	19
República Checa	3	31	4,7	33	45	24	26
Espanha	3	33	4,6	29	38	29	35
Chipre	3	34	4,6	40	21	41	32
Estónia	3	35	4,6	32	34	27	42
Eslovénia	3	37	4,6	42	29	37	30
Portugal	3	43	4,4	43	39	43	41
Polónia	2-3	46	4,3	53	71	31	46
Eslováquia	3	47	4,3	46	54	34	57
Itália	3	48	4,3	49	67	46	34
Malta	3	52	4,3	52	41	48	48
Lituânia	2-3	53	4,3	44	47	47	53
Hungria	2-3	58	4,2	62	58	45	61
México	2-3	60	4,2	60	59	55	67
Turquia	2-3	61	4,2	63	69	54	58
Roménia	2-3	64	4,1	68	86	49	75
Letónia	2-3	68	4,1	54	60	51	86
Grécia	3	71	4,0	67	56	57	66
Bulgária	2	76	4,0	76	80	62	89

Fonte: World Economic Forum, Global Competitiveness Report 2009-2010
Nota: (*) - Em 134 países.

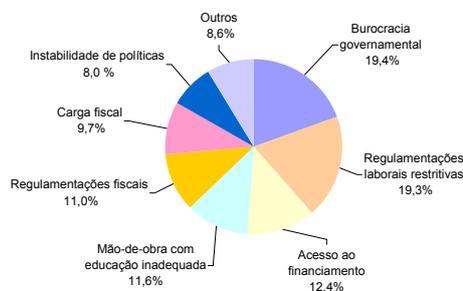
Quadro 2 – Evolução das posições de Portugal nos pilares de competitividade, entre 2008 e 2009

	Insti-tuições	Infra-estrutura	Estabilidade Macroeconómica	Saúde e Ensino Básico	Ensino Superior e Formação	Eficiência do Mercado de Bens	Eficiência do Mercado de Trabalho	Sofisticação do Mercado Financeiro	Prontidão Tecnológica	Dimensão do Mercado	Sofisticação Empresarial	Inovação
1. 2008-2009 (nº ordem em 134 países)	35	26	82	33	37	45	87	43	32	43	48	35
2. 2009-2010 (nº ordem em 133 países)	44	23	79	31	38	51	103	62	31	43	53	33
3. Evolução entre 1. e 2.	↓ 9	↑ 3	↑ 3	↑ 2	↓ 1	↓ 6	↓ 16	↓ 19	↑ 1	=	↓ 5	↑ 2

Fonte: World Economic Forum, Global Competitiveness Report 2008-2009 e 2009-2010.

Finalmente, para além do GCI, o *Global Competitiveness Report* contempla também uma apreciação de cada país em termos dos factores mais problemáticos para fazer negócios (*doing business*)[†], reflexo das percepções dos executivos de cada país nesta matéria. Para Portugal, estes factores estão concentrados em temas ligados à burocracia, regulamentação laboral e fiscal, financiamento e mão-de-obra (Figura 1)[‡].

**Figura 1 - Factores mais problemáticos para fazer negócios em Portugal
(% das respostas)**



Fonte: World Economic Forum, Global Competitiveness Report 2009-2010

2. Competitividade de Portugal em inovação e sofisticação empresarial

De acordo com a metodologia aplicada neste relatório de competitividade global (ver nota metodológica) os pilares de inovação e sofisticação empresarial são considerados críticos para os países classificados como *innovation-driven*, como é o caso de Portugal. Para este estágio de desenvolvimento, o relatório afirma que “as empresas devem competir através da inovação, produzindo novos e diferentes bens usando os mais sofisticados processos de produção”. A análise que segue incide sobre os resultados de Portugal nos pilares de “Inovação” e “Sofisticação empresarial” (Quadro 3), tendo sempre presente que os pilares de competitividade se interrelacionam e influenciam entre si.

Quadro 3 – Performance dos indicadores de competitividade do sub-índice “Inovação e sofisticação empresarial”, para Portugal

Pilares	Nº de ordem em 133 países	Indicadores
Inovação (33º)	Vantagens competitivas	
	17º (31º)	Mercados públicos de produtos de tecnologia avançada
	31º (33º)	Qualidade das instituições de investigação científica
	33º (42º)	Colaboração universidade-indústria em I&D
	38º (32º)	Capacidade para a inovação
	Desvantagens competitivas	
45º (53º)	Despesas em I&D das empresas	
46º (48º)	Disponibilidade de cientistas e engenheiros	
48º (42º)	Patentes de utilidade (*)	
Sofisticação empresarial (53º)	Vantagens competitivas	
	40º (37º)	Sofisticação do processo de produção
	42º (36º)	Marketing
	Desvantagens competitivas	
	43º (32º)	Empresas exportadoras na cadeia de valor nacional
	51º (55º)	Vantagem competitiva nos mercados internacionais
	57º (50º)	Qualidade de fornecedores locais
	57º (68º)	Estado do desenvolvimento de <i>clusters</i>
	57º (54º)	Controlo da distribuição internacional
	59º (54º)	Quantidade de fornecedores locais
66º (43º)	Vontade/aceitação para delegar autoridade	

Fonte: World Economic Forum, Global Competitiveness Report 2009-2010.

Notas: () - nº de ordem em 134 países em 2008-2009; (*) Fonte: USPTO (United States Patent and Trademark Office); Fonte dos restantes indicadores: Executive Opinion Survey 2009.

[†] Com base numa lista de 15 factores, é pedido aos executivos de empresas que seleccionem os 5 factores que consideram mais problemáticos para os negócios nos seus países e que os ordenem de 1 (mais problemático) a 5. A fonte desta informação é o *Executive Opinion Survey* 2009 do WEF.

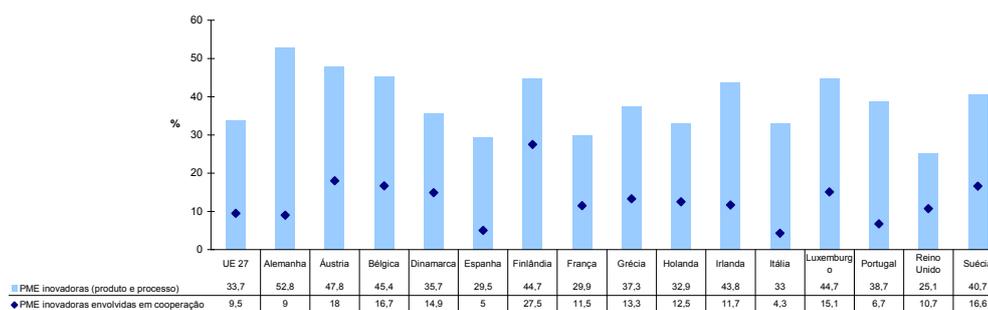
[‡] Acerca destas matérias, ver texto sobre o *Doing Business 2010* publicado no BMEP de Novembro 2009.

No pilar “Inovação”, a avaliação dos desempenhos competitivos situa-se em matérias ligadas a decisões ao nível dos mercados públicos quanto à adopção de produtos de tecnologia avançada, à qualidade das instituições de investigação científica, à colaboração universidade-indústria em I&D e à capacidade das empresas para a inovação. Face ao ano anterior, Portugal melhorou as suas posições relativas nos três primeiros indicadores, apresentando, pelos critérios do relatório, uma vantagem competitiva (classificação do indicador acima da posição global, quadro 3).

Em complemento dos resultados do GCI em matéria de inovação, refira-se, adicionalmente, que no ranking europeu da inovação, de acordo com o *European Innovation Scoreboard* (EIS) 2008, Portugal subiu para o 16º lugar (era 21º no EIS 2007), em referência aos países membros da UE27, e passou a integrar o grupo de países denominado “Inovadores Moderados”[§], a par de países como a Espanha, Itália e Grécia.

Ao nível da capacidade das empresas para a inovação, o EIS 2008 refere que, em Portugal, a percentagem de PME com actividades inovadoras (produto e processo), em 2006, atingiu 38,7%, valor acima da média da UE27 (33,7%), enquanto que em termos de PME envolvidas em actividades de cooperação, Portugal regista 6,7%, face aos 9,5% da UE27 (ver Figura 2).

Figura 2 – Inovação empresarial no total das PME (%), 2006



Fonte: *European Innovation Scoreboard* 2008 (EIS 2008).
Nota: Dados de 2004 para a Grécia.

Os indicadores do pilar “Inovação” considerados como desvantagens competitivas reportam-se às despesas em I&D das empresas, à disponibilidade de cientistas e engenheiros e ao número de patentes USPTO^{**} por mil habitantes. Contudo, estas matérias têm vindo a registar evoluções positivas como comprovam alguns indicadores quantitativos seleccionados. Segundo os dados provisórios do Inquérito ao Potencial Científico e Tecnológico Nacional (IPCTN) referentes a 2008, a despesa em I&D no sector das empresas registou um crescimento de 22% relativamente a 2007, atingindo cerca de 0,76% do PIB (contra 0,62% em 2007) e representando cerca de metade da despesa nacional total em I&D. Quanto ao indicador que mede o número de investigadores na população activa em Portugal, em 2008, foram atingidos os 7,2 por mil activos, valor acima do registado em anos anteriores. Relativamente ao número de patentes, o relatório considera apenas as que são registadas no USPTO, ignorando o European Patent Office (EPO). No entanto, os indicadores de impacto do Plano Tecnológico (PT), em 2006, indicam que as patentes EPO^{††} atingiram as 12,9 por milhão de habitantes, superando a meta de 12 fixada para 2010. Também as marcas comunitárias registadas (118,5 por milhão de habitante) ultrapassaram largamente, em 2007, a meta de 50 estabelecida para 2010.

[§] Face à anterior inclusão no grupo “Catching-up countries”

^{**} United States Patent and Trademark Office

^{††} European Patent Office

O pilar “Inovação” versa tópicos que estão no âmbito de medidas que têm vindo a ser desenvolvidas no quadro da política económica em curso, nomeadamente do Plano Tecnológico (PT), lançado em 2005 (ver Caixa 1).

Caixa 1 – Algumas medidas no âmbito do pilar “Inovação”

O Plano Tecnológico (PT) abrange medidas que incidem em várias áreas, nomeadamente as de política de inovação e tecnologia, no sentido de promover o desenvolvimento e reforçar a competitividade do país. Com o objectivo de promover os resultados da inovação nas empresas foram lançadas várias medidas, nomeadamente dirigidas às PME. O realinhamento do sistema de incentivos às empresas (PRIME) com o PT veio reforçar os meios financeiros e fomentar uma maior selectividade e simplificação de processos, focalizados na inovação, internacionalização e recursos humanos.

Algumas das medidas em curso relacionam-se com a reorganização dos instrumentos públicos de capital de risco e com o estímulo à capacidade de inovar e empreender cujo foco, no período entre 2005-2008, incidiu na promoção da cultura empreendedora – envolvente e empreendedores e no apoio à criação, consolidação e crescimento de *start ups*. No âmbito da medida Inov Tools - Compromisso com a Inovação, foi desenvolvida a Plataforma INOVAR que integra uma ferramenta de auto avaliação das empresas (INOVAR on-line) sobre as suas capacidades em matéria de competitividade e de inovação. Ainda em termos de medidas de apoio à inovação é de referir o reforço do envolvimento da garantia mútua no financiamento de projectos de forte conteúdo de inovação (medida implementada no âmbito do FINICIA) e a criação, em 2008, do Finova (Fundo de Apoio ao Financiamento à Inovação), que está vocacionado para a criação ou o reforço de instrumentos de financiamento de empresas, particularmente PME, e aos projectos com maior grau de inovação. Igualmente de referir o lançamento do Vale Inovação e do Vale I&DT, integrados, respectivamente, nos SI Qualificação e internacionalização das PME e SI I&DT, do QREN, que visam a introdução de instrumentos simplificados destinados às PME para facilitar a aproximação “centros de saber/empresas”.

No pilar “**Sofisticação Empresarial**”, as vantagens competitivas de Portugal centram-se na sofisticação do processo de produção e na medida em que são utilizadas ferramentas e técnicas sofisticadas de *marketing* pelas empresas. Nos restantes indicadores, Portugal apresenta desvantagens competitivas que assentam na dimensão da presença de empresas exportadoras na cadeia de valor nacional, na natureza das vantagens competitivas das empresas portuguesas nos mercados internacionais, na qualidade e quantidade dos fornecedores locais, no estado de desenvolvimento dos *clusters*, no nível de controlo da distribuição e *marketing* por empresas nacionais e na vontade/aceitação na delegação de autoridade nos subordinados.

Algumas das medidas de política governamental que têm vindo a ser desenvolvidas recentemente visam precisamente alguns destes pontos (ver Caixa 2)

Caixa 2 – Algumas medidas no âmbito do pilar “Sofisticação empresarial”

No âmbito dos apoios e incentivos às empresas portuguesas que contribuem para aumentar a sua presença e competitividade no mercado global assinalam-se algumas medidas implementadas, nomeadamente, a concessão de incentivos fiscais à internacionalização das empresas, incentivos à qualificação e internacionalização de PME (SI – Qualificação PME) e incentivos fiscais à I&D empresarial (SIFIDE).

Em 2008 foi lançada uma medida referente à criação e dinamização de Pólos de Competitividade e Tecnologia e outros *clusters*, que visa promover a clusterização em sectores relevantes da economia nacional, em linha com as orientações da política comunitária relativas ao reforço da competitividade e da dimensão internacional dos clusters europeus. Ainda no âmbito de *clusters*, está em curso uma medida que visa o desenvolvimento de um *cluster* industrial eólico através da concessão de incentivos ao sector da indústria e serviços nacional com elevado carácter de inovação e articulação com o tecido de IDE nacional. Estas iniciativas enquadram-se na Estratégia de Eficiência Colectiva (EEC) do QREN ao permitir colmatar falhas ao nível da cooperação e do funcionamento em rede entre os diversos agentes (empresas, estado, universidade, etc) para o desenvolvimento dos sectores considerados relevantes

Por outro lado, o desenvolvimento do plano “Portugal Logístico” veio proporcionar uma oportunidade de recentramento de Portugal no contexto europeu através da execução de uma rede de 12 plataformas logísticas multimodais e integradas nas Redes de Transporte Trans-Europeias, do desenvolvimento de uma moderna plataforma tecnológica de informação e comunicação e de uma actuação concertada na distribuição urbana de mercadorias. Igualmente, com o lançamento da Plataforma de protecção e comercialização de direitos de propriedade industrial pretende-se minimizar e atenuar falhas de mercado relacionadas com o processo de inovação na economia.

Outra medida enquadrável neste pilar, e que se encontra em fase de reavaliação, tem a ver com a criação de *tradings* nos novos

mercados alvo/centros de distribuição com o objectivo é fornecer às empresas portuguesas serviços de colocação dos seus produtos nos mercados externos, facilitando os processos administrativos e logísticos.

Como conclusão genérica final, observa-se que:

Face ao *ranking* anterior, Portugal manteve a mesma posição competitiva (43^a) no GCI em 2009-2010. Os melhores desempenhos relativos estão centrados nos pilares relacionados com a infra-estrutura, saúde e ensino básico, prontidão tecnológica, inovação e ensino superior e formação, que estão em contraposição com a eficiência do mercado de trabalho, a sofisticação do mercado financeiro e a estabilidade macroeconómica.

Em matéria de inovação e sofisticação empresarial, Portugal tem melhores resultados competitivos nos indicadores de inovação e tem um desempenho menos favorável nos indicadores de sofisticação dos negócios, apesar das medidas que têm vindo a ser desenvolvidas com vista a apoiar e incentivar a inovação e competitividade das empresas portuguesas.

Anexo

Síntese metodológica

O GCI 2009-2010 é composto por um conjunto de factores críticos essenciais para impulsionar a produtividade e a competitividade das economias, organizados em três sub-índices: “Requisitos de Base”, “Promotores de Eficiência” e “Factores de Inovação e Sofisticação”. Estes sub-índices estão subdivididos em doze pilares de competitividade designados do seguinte modo: “Instituições”, “Infra-estrutura”, “Estabilidade macroeconomia”, “Saúde e ensino básico”, “Ensino pós-básico e formação”, “Eficiência do mercado de bens”, “Eficiência do mercado de trabalho”, Sofisticação do mercado financeiro, *Readiness* tecnológica, Dimensão do mercado, Sofisticação empresarial e Inovação.

Para o cálculo do GCI, os países são agrupados em três estádios de desenvolvimento (medidos através do PIB *per capita* em dólares): 1º estádio - *factor-driven*, 2º estádio - *efficiency-driven* e 3º estádio - *innovation-driven*^{††}. Este conceito é integrado no índice global através da atribuição de pesos relativos mais altos aos pilares que são relativamente mais importantes para um determinado país em virtude do seu estádio de desenvolvimento.

Estádios de desenvolvimento e pesos dos sub-índices do GCI

Estádio de desenvolvimento das economias	Peso dos sub-índices em cada estádio de desenvolvimento das economias			Patamares de rendimento dos estádios de desenvolvimento - PIB per capita (dólares) -
	Requisitos de Base (Instituições, Infra-estrutura, Estabilidade macroeconómica e Saúde e ensino básico)	Promotores de Eficiência (Ensino superior e formação, Eficiência do mercado de bens, Eficiência do mercado de trabalho, Sofisticação do mercado financeiro, <i>Readiness</i> tecnológica e Dimensão do mercado)	Factores de Inovação e Sofisticação (Sofisticação empresarial e Inovação)	
Estádio 1: Factor-driven (maior ênfase nos Requisitos de Base)	60%	35%	5%	<2.000 Transição do estádio 1 para o 2 2.000 - 3.000
Estádio 2: Efficiency-driven (maior ênfase nos Promotores de Eficiência)	40%	50%	10%	3.000 - 9.000 Transição do estádio 2 para o 3 9.000 - 17.000
Estádio 3: Innovation-driven (ênfase crescente nos Factores de Inovação e Sofisticação)	20%	50%	30%	>17.000

Fonte: World Economic Forum, Global Competitiveness Report 2009-2010

^{††} Portugal integra o grupo de países neste estádio.

A informação de suporte utilizada na construção do GCI baseia-se em 110 variáveis das quais dos terços têm origem em informação qualitativa (“survey data”), proveniente do *Executive Opinion Survey* 2009 do WEF baseada em mais de 13 mil respostas de gestores de topo recolhidas por 150 Institutos Parceiros que administram o *Executive Opinion Survey* a nível nacional. Este *Survey* cobre 133 países e engloba variáveis para as quais as fontes “hard data” são escassas ou inexistentes. O restante um terço baseia-se em dados quantitativos (“hard data”) proveniente de fontes públicas internacionais nomeadamente, Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e Nações Unidas. Estas variáveis quantitativas são normalizadas para uma escala de 1 e 7 (máximo competitivo) de modo a ajustá-las ao tipo de resultados divulgados pelo *Survey*.

A informação para o *Executive Opinion Survey* 2009 foi obtida no 1º trimestre de 2009. Para os dados quantitativos, o ano de base varia de indicador para indicador e situa-se entre 2006 e 2009, com predominância de 2008.

O cálculo do GCI resulta de uma média ponderada das muitas diferentes componentes e é baseado em agregações sucessivas das pontuações desde o nível da variável (mais baixo) até ao resultado global do GCI (nível mais alto).

Quadro comparativo

Quadro 1A – Rankings dos três sub-índices do GCI 2009-2010 e dos respectivos pilares em 38 países

País	Requisitos de Base	Pilares				País	Promotores de Eficiência	Pilares						País	Factores de Inovação e Sofisticação	Pilares	
		Instituições	Infra-estrutura	Estabilidade Macroeconómica	Saúde e Ensino Básico			Ensino Superior e Formação	Eficiência do Mercado de Bens	Eficiência do Mercado de Trabalho	Sofisticação do Mercado Financeiro	Prontidão Tecnológica	Dimensão do Mercado			Sofisticação Empresarial	Inovação
Finlândia	1	4	10	12	1	EUA	1	7	12	3	20	13	1	EUA	1	5	1
Suíça	3	8	5	17	21	Suíça	3	6	5	2	14	3	36	Japão	2	1	4
Dinamarca	4	3	12	14	6	Canadá	4	9	16	7	11	11	14	Suíça	3	3	2
Suécia	5	2	14	15	12	Dinamarca	6	2	7	5	8	4	49	Suécia	4	4	5
Luxemburgo	7	6	19	6	25	Suécia	7	3	4	19	12	1	32	Alemanha	5	2	7
Alemanha	8	16	1	30	24	Reino Unido	8	18	20	8	24	8	6	Finlândia	6	9	3
Canadá	10	17	7	31	7	Austrália	9	14	9	9	4	20	19	Dinamarca	7	8	10
Noruega	11	7	28	7	17	Holanda	10	10	6	27	23	2	18	Holanda	9	6	13
Holanda	12	10	15	38	14	Japão	11	23	17	12	40	25	3	Áustria	11	7	19
Áustria	13	14	9	37	18	Finlândia	12	1	19	23	7	10	53	Canadá	12	17	12
Austrália	14	12	25	18	16	Noruega	13	12	23	15	10	7	47	Bélgica	13	11	14
França	15	26	3	58	11	Alemanha	14	22	18	70	36	12	5	Reino Unido	14	12	15
Nova Zelândia	16	5	35	33	4	Nova Zelândia	15	11	8	11	3	23	59	França	15	10	18
Bélgica	20	24	18	56	3	França	16	15	25	67	21	24	8	Coreia do Sul	16	21	11
Chipre	21	22	24	39	5	Bélgica	18	8	13	44	25	22	25	Noruega	18	16	17
Coreia do Sul	23	53	17	11	27	Áustria	19	17	11	34	27	19	33	Islândia	19	23	16
Islândia	24	13	11	119	2	Coreia do Sul	20	16	36	84	58	15	12	Irlanda	20	18	22
Reino Unido	26	21	20	71	23	Irlanda	22	20	15	22	45	21	52	Austrália	21	26	20
Japão	27	28	13	97	19	Luxemburgo	23	39	3	42	9	5	85	Luxemburgo	22	22	21
EUA	28	34	8	93	36	Rep. Checa	24	24	27	20	42	30	40	Rep. Checa	26	25	25
Eslóvenia	29	46	31	26	22	Estónia	27	21	28	21	29	16	94	Nova Zelândia	27	34	23
Estónia	34	31	34	47	28	Espanha	29	33	46	97	50	29	13	Eslóvenia	30	33	29
Irlanda	37	19	52	65	10	Islândia	30	4	31	6	85	14	120	Chipre	32	31	35
Espanha	38	49	22	62	38	Polónia	31	27	53	50	44	48	20	Itália	34	20	50
Portugal	39	44	23	79	31	Eslóvenia	34	47	32	29	28	33	57	Espanha	35	28	40
Malta	41	33	38	81	32	Eslóvenia	37	19	38	56	48	32	72	Portugal	41	53	33
Rep. Checa	45	62	48	43	33	Chipre	41	28	24	46	18	38	99	Estónia	42	48	37
Lituânia	47	59	43	57	55	Portugal	43	38	51	103	62	31	43	Polónia	46	44	52
Eslóvaquia	54	78	63	40	48	Hungria	45	35	64	63	69	40	45	Malta	48	46	53
Grécia	56	70	47	103	41	Itália	46	49	65	117	100	39	9	Lituânia	53	56	58
Hungria	58	76	57	83	53	Lituânia	47	30	59	45	72	36	69	Eslóvaquia	57	51	68
México	59	98	69	28	65	Malta	48	37	40	93	13	27	121	Turquia	58	52	69
Letónia	60	65	56	99	50	Roménia	49	52	61	79	56	58	41	Hungria	61	76	45
Itália	67	97	59	102	26	Letónia	51	34	57	37	60	47	83	Grécia	66	66	65
Turquia	69	96	62	64	74	Turquia	54	73	56	120	80	54	15	México	67	62	78
Polónia	71	66	103	74	35	México	55	74	90	115	73	71	11	Roménia	75	83	70
Bulgária	80	116	102	45	58	Grécia	57	43	75	116	83	53	34	Letónia	86	82	88
Roménia	86	84	110	75	63	Bulgária	62	60	81	54	76	56	58	Bulgária	89	89	91

Fonte: World Economic Forum, Global Competitiveness Report 2009-2010